

Há mais de um século, Alfred Stieglitz afirmava que a lanterna de diapositivos permitiria experimentar as imagens de maneira mais aprazível. Ainda assim, artistas contemporâneos continuam seduzidos pela natureza instável da projeção — esse entre lugar, onde a fotografia cessa de ser fixidez e a cinesia hesita em se afirmar por completo. Existe um fascínio em habitar a tensão entre a estase fotográfica e a fugacidade das imagens em movimento. Sob a permanência e o efêmero, a natureza espectral da projeção luminosa constitui um campo fértil para a experimentação. A suposta imaterialidade da imagem projetada mobiliza afetos potencializados pelas fabulações visuais, onde o olhar se encanta pelo lampejo e pela aparição.

Ao longo do século XX, a fotografia foi pensada principalmente a partir do suporte físico, sobretudo da sua materialidade em papel. A exposição *Imagens intangíveis* abre-se para espreitar um fenómeno paralelo aos estudos fotográficos mais canónicos, pondo em diálogo obras de arte contemporâneas que lidam com a projeção luminosa fixa através de dispositivos obsoletos, desde maquinários para visualização de diapositivos até lanternas óticas. Ao longo do percurso, sentidos e discursos entrelaçam-se numa panóplia de temas: o questionamento das operações normativas dos aparatos óticos, a memória, o arquivo, a obsolescência, a fabulação e a performatividade.

O espectador encontrará mecanismos e objetos que animam a escuridão. A primeira obra, uma fotografia impressa intitulada *Hotel Palenque (Fossil)* de Henrique Pavão, é um exercício meta-fotográfico: documenta o resultado de 816 horas de exposição à luz de um único fotograma positivo 135mm, impresso a jato de tinta em papel japonês. No mesmo ambiente, está a peça de Maura Grimaldi, *Lanterna ótica*: uma obra de manufatura delicada que, num entrelaçar de uma tecnologia descontinuada e elementos contemporâneos, recupera constelações Guarani através da ficcionalização de um ancestral céu noturno.

Na sala principal, *Flor Fantasma - políptico*, de Mariana Caló e Francisco Queimadela, cria uma interação espacial entre dois projetores e sete painéis suspensos. Através da decomposição da cor-luz, a silhueta de uma flor fragmenta-se numa sequencialidade que remete para os “brinquedos filosóficos” do século XIX, originando uma cinemática induzida pelo movimento do corpo do espectador na instalação. De uma claridade mais intensa, surge a projeção estereoscópica *Caffè Sospeso (S. Lázaro)*, de Noé Sendas. As sombras fantasmagóricas na parede são o resultado de uma contínua respiração de dois projetores sobre adereços que constituem uma silhueta antropomórfica. Já as imagens de *Hermes Sospeso (S. Lázaro)*, concebidas como objetos tridimensionais, foram apropriadas de livros e cartões postais. *Core*, de Hugo de Almeida Pinho, é formada por três projetores de diapositivos que, através de mecanismos elaborados pelo artista, movimentam-se num fluxo rotativo. Na parede curva, revela-se um plano de figuras em constante recomposição aleatória, abordando a materialidade mineral e a sua economia a partir de distintas fontes e arquivos.

Da penumbra, sobressaem as últimas peças desta sala. Sobre uma rocha sensibilizada por solução fotossensível, o aparelho de *Fossilization of a spectrum*, de Nuno Vicente, projeta a imagem de uma pena. Ao ressaltar a componente ontológica da fotografia, a camada torna-se uma escrita da luz na pedra. A mesma parede acolhe *Eclipse*, de Carla Cabanas. Ainda que o espectador possa visualizar de longe o halo luminoso emanado do trabalho, ele é surpreendido ao aproximar e entranhar-se em retratos vernaculares. Encontradas pela artista numa feira de segunda mão, essas fotografias retroiluminadas são refletidas numa superfície metálica.

Noutra sala, a forte luminosidade de duas caixas de luz colocadas no chão interrompem o ambiente escuro: são transparências que Tânia Dinis utiliza na peça *Linha de Tempo*. A artista aprofunda questões sobre violência de gênero, partindo do arquivo e pesquisa de *Operariada* — uma criação com Catarina Laranjeiro — que traça a história de mulheres trabalhadoras da indústria têxtil no Vale do Ave.

*Imagens intangíveis* é uma (a)mostra coletiva que não pretende ser monodirecional. Através deste conjunto de autores, almeja-se evidenciar a profícua produção artística em Portugal que utiliza dispositivos obsoletos para investigar as potencialidades da projeção fotográfica. Se por um lado, no senso comum, a luz é algo imaterial, por outro, a experimentação com diferentes anteparos que a interceptam — poeira, tecido, rocha, ecrã, metal, papel, betão, madeira — revelam a tangibilidade das peças e da própria exposição. Estas obras designam não um retorno nostálgico ao passado, mas antes uma reflexão acerca do nosso presente, ressaltando a necessidade de continuarmos a questionar a natureza das imagens que nos rodeiam, os modos de fazê-las e exibi-las. Com a sua presença, elas instigam um pensamento crítico sobre o mundo.

More than a century ago, Alfred Stieglitz asserted that lantern slides offered a more agreeable way to experience pictures. Yet today, contemporary artists remain attracted by the unstable nature of projection — this “in-between” realm where photography ceases to be fixed and kinesis hesitates to fully assert itself. There is a captivating tension between the photographic stillness and the fleeting nature of moving images. Nestled between the permanent and the ephemeral, the spectral quality of luminous projection opens a fertile field for experimentation. The supposed immateriality of the projected image stimulates affections that are animated by a visual experience in which the gaze is delighted by their flickering and phantasmatic character.

Over the twentieth century, photography was largely conceived through its physical supports, especially its materiality on paper. *Imagens intangíveis* invites us to glimpse a parallel phenomenon to classic photographic studies. The exhibition features contemporary artworks that explore fixed light projection through the use of obsolete devices, ranging from slide projectors to optical lanterns. Along the course, senses and discourses intertwine around a rich set of themes: the disruption of normative operations of optical devices; memory; the archive; obsolescence; fabulation; and performativity.

The viewer encounters mechanisms and objects that animate darkness. The first work, a printed photograph titled *Hotel Palenque (Fossil)* by Henrique Pavão, is a meta-photographic exercise: it documents the result of a single 135 mm positive frame exposed to light for 816 hours and then printed on Japanese paper. In the same space, Maura Grimaldi’s *Lanterna ótica* — a delicate crafted piece — interlaces discontinued technology with contemporary elements to recover Guarani constellations through a fictional ancestral night sky.

In the main gallery, *Flor Fantasma - políptico* by Mariana Caló and Francisco Queimadela creates a spatial interplay between two projectors and seven hanging panels. Through the decomposition of light and colour, the silhouette of a flower fractures in a sequence reminiscent of the nineteenth-century “philosophical toys,” generating a cinematic effect induced by the spectator’s movement through the installation. From a brighter light source emerges the stereoscopic projection *Caffè Sospeso (S. Lázaro)* by Noé Sendas. Phantasmatic shadows on the wall result from the continuous breathing of two projectors working upon props that form an anthropomorphic silhouette. The images of *Hermes Sospeso (S. Lázaro)*, conceived as three-dimensional objects, were appropriated from books and postcards. *Core*, by Hugo de Almeida Pinho, consists of three slide projectors that rotate in an ongoing flux via mechanisms produced by the artist. The figures unfold in ceaseless, random recomposition on the curved wall, addressing mineral materiality and its economics through diverse sources and archives.

The final artworks of this room arise from the twilight. *Fossilization of a Spectrum* by Nuno Vicente projects the image of a feather onto a rock soaked in a photosensitive solution. Foregrounding the ontological component of photography, the surface becomes a literal writing of light upon stone. The same wall shows Carla Cabanas’s *Eclipse*: the viewer glimpses its luminous halo from afar, but is surprised upon drawing near and immersing themselves in vernacular portraits. Collected by the artist at a flea market, these backlit photographs are mirrored on a metallic surface.

In a separate room, the stark glow of two light boxes placed on the floor interrupts the darkness: they are transparencies that Tânia Dinis employs in *Linha de Tempo*. The artist delves into gender-based violence, drawing on the archive and research from *Operariada* — a collaborative creation with Catarina Laranjeiro — which traces the history of female textile-industry workers in the Vale do Ave region.

*Imagens intangíveis* is a collective exhibition that deliberately avoids a single narrative direction. It seeks to highlight the prolific art produced in Portugal that investigates obsolete devices to explore the potentials of photographic projection. On the one hand, light may seem immaterial; yet on the other, its interaction with the varied surfaces that intercept it — dust, cloth, stone, screen, metal, paper, concrete, wood — reveals the tangibility of the artworks and of the exhibition itself. These creations do not signal a nostalgic turn to the past, but rather provoke reflection on our present, underscoring the necessity of continuing to question the nature of the images that surround us — and the means by which we make and display them. Through their presence, they instigate a critical reflection on our world.

FILIPPO DE TOMASI, ISABEL STEIN E MAURA GRIMALDI